

“Estamos indo sempre para casa”



Michelle Ferret Badiali

A relação do imaginário de mulheres em um Lar de Longa Permanência e seu cotidiano é o sentido de construção das linhas desta pesquisa. Escrever as casas oníricas que elas desejam retornar é a tentativa de adentrar a subjetividade de seis mulheres moradoras do Lar da Vovozinha, em Natal, Rio Grande do Norte. Mulheres que sentem, sonham, amam e desejam. Neste artigo, a fala e a poesia de Júlia (nome fictício) será o norte para a reflexão. O título é referência à obra de Raduan Nassar “Lavoura Arcaica”¹, quando no capítulo seis o personagem finaliza dizendo esta frase “Estamos indo sempre para casa”.

Retornar para casa é o desejo latente, seja a primeira casa em que moramos ou a casa que imaginamos. No Lar de Longa Permanência é raro alguém voltar, mas no imaginário, o caminho se faz presente.

A pesquisa tem como fio condutor a fenomenologia da imaginação de Gaston Bachelard, através do livro “A Poética do Espaço” (2008) e um dos pontos fundamentais de partida é pensar a casa primeira, a que lembramos, a casa que desejamos voltar, a que construímos por uma vida inteira por dentro, seja em pequenos cômodos do cotidiano, seja na vitalidade de guardar na memória o aconchego, a vida. “*Porque a casa é nosso canto do mundo. Ela é como se diz,*

¹ Lavoura Arcaica

amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (BACHELARD, A Poética do Espaço, p. 24).

Para Bachelard (2008), *Quando se sonha com a casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores.* Para ele, a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do ser humano.

Para contextualizar a escrita das casas oníricas, é importante compreender o espaço.

O lar abriga 40 mulheres com idades entre 65 e 92 anos, é filantrópico e sobrevive através de doações. Os dormitórios são coletivos e acomodam seis mulheres e dividem seus espaços cada uma com direito a uma cama e um armário. Logo acima, na porta, pequenas placas nomeiam o espaço com palavras afetivas: Pavilhão da Fé, Humildade, Ternura e Esperança. Nos armários, cadeados. Dentro dos armários, pequenas caixas de sapatos guardam o que ficou da lembrança palpável de suas histórias de vida.

Para a escrita das casas oníricas foram necessários oito longos meses, dias e horas atravessadas de silêncio, memória e confiança, quando seis mulheres sentiram o desejo de compartilhar suas memórias. No primeiro momento, longas entrevistas e conversas informais e a apresentação da proposta da construção das casas através das oficinas. Meses depois, foram feitas oficinas de poesias com as seis mulheres. Os encontros, semanais, duravam entre duas a quatro horas e eram disponibilizados elementos elencados nas vivências, que por elas, eram tidos como fundamentais nas construções de suas histórias de vida como: fios de lã, cantigas, pedaços de manjerição, flores, entre outras memórias.

As casas começaram a ser escritas, desenhadas e sonhadas no papel e foram necessárias doze oficinas e dois meses para se construir um espaço de devaneio. Cada uma construía sua casa com palavras a partir dos estímulos dados. Qual o cheiro da sua casa? A textura da parede? O teto? O quintal? Tem quintal? Varanda? Quem mora nessa casa? Quem vive nela? Qual a cor dela? O que você vê pela janela? Eram perguntas lançadas e respondidas para a construção.

Metodologia das oficinas

Com duração de até duas horas, as oficinas tiveram como suporte a literatura e os elementos fornecidos através das entrevistas de profundidade. As conversas tinham como base as suas histórias de vida e principalmente a casa que seria construída a partir do imaginário. As entrevistas tiveram como ponto de partida três perguntas: Quem é você? Qual seu maior sonho? E Como é a casa que você quer morar?

A partir dessas três perguntas, a entrevista fluía por diferentes caminhos. Algumas histórias foram interrompidas pela própria família. A filha de uma das participantes questionou o interesse da pesquisa e alegou que a mãe não teria capacidade de falar sobre seus sonhos. Outras vezes, as próprias participantes

silenciavam ou esqueciam seus próprios desejos. Um dos instrumentos foi de utilizar os elementos para auxiliar no estímulo das histórias como os novelos de lã ou o cheiro de lavanda.

A primeira a querer contar sua história foi Júlia, que em alguns minutos já estava disposta a falar sobre suas memórias e suas sensações atuais. Com uma memória privilegiada, ela declamava diferentes poemas decorados de autores nacionais, portugueses e de autoria própria. Um dos poemas que entrou na oficina foi “A Casa” de Olavo Bilac, que fez com que toda a pesquisa tivesse um sentido maior.

O tempo dentro de um Lar de Longa Permanência é muito diferente do tempo cotidiano das ruas, do abrir e fechar dos sinais, apesar de terem horário para tudo, cada uma tem seu tempo e seu ritmo. A oficina seguia um ritual. Todas sentavam em círculo e respiravam calmamente de olhos fechados para se conectar com a atividade. A partir de um estímulo, cada uma ia contando sobre o que tem dentro de sua casa.

A Lavanda foi utilizada passando nas mãos e a água nos pés como um ritual, também estimulando os sentidos, olfato e tato e permitindo um relaxamento e a sensação de estarmos todas no mesmo espaço. Ao começar a oficina o som dos pássaros foi constante através de um áudio com sonoridade do canto do bem-te-vi. O pião foi levado em desenho, ilustrativo. O interessante é que os elementos que não eram físicos tinham possibilidade de diferentes texturas, gostos e cheiros.

Com os elementos era perguntado sobre o sonho de cada uma e logo depois começava a construção de suas casas. Como eram as casas antes e como são as casas que elas querem morar no futuro. Entre cômodos e quintais, quartos e corredores, as casas eram montadas de acordo com suas memórias. O lar que cada uma criou é o lar de dentro. Como o de uma das participantes: “*Minha casa é a mão do meu filho*”².

*A linha, verde
Me alinhavou ao passado
Vestido bordado
Da filha, da neta
Menos o meu
Sempre sem acabamentoo
A linha, verde
Cor de esperança
Me costurou ao ninho
Lugar de refazimentos.*

² Relato de uma das participantes da oficina de poesia.

A Escrita das Casas Oníricas

Para Bachelard (2008), quando se sonha com a casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores. Para ele, a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem.

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço (BACHELARD, 2008 p.26).

Para Bachelard, a imaginação trabalha quando o ser encontra o menor abrigo e assim constrói paredes com sombras impalpáveis, gerando um conforto com “ilusões de proteção”. “Em suma, na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos”. No Lar de Longa Permanência, a reconstrução de um local seguro é a tentativa de dar conforto às moradoras. Cada uma tem sua própria cama, armário e tem direito a um banheiro por ala. Suas refeições são regradadas, três vezes ao dia e nos mesmos horários e o descanso também.

As disputas do território, da construção da casa e do espaço, são visíveis diariamente. Por disputarem toalhas, roupas, sapatos, tudo, uma das intervenções da direção do Lar foi distribuir cadeados com chaves penduradas ao pescoço, para que suas memórias pudessem ficar intactas, guardadas, reservadas, sem o risco de invasão.

Júlia, Vitória, Cravina, Soe, Liliane e Maria são os nomes fictícios das seis mulheres que participaram das oficinas. E cada uma, com sua história de vida, trouxeram partes de suas casas para compartilhar e nos abrigar. Júlia diz que quando lembra de sua casa, consegue viver mais. *Eu posso sonhar de novo. Essa casa aqui não é minha casa verdadeira.* Ela diz.

Ao pensar nas casas, seus semblantes modificam. É como se pudessem construir suas próprias linhas de vida. Bachelard (2008) afirma que podemos desenhar as casas antigas para lhes dar uma representação. “esse documento objetivo, desligado de qualquer devaneio, é um documento rígido e estável que marca uma biografia (...) o devaneio volta a habitar o desenho exato”.

No processo das oficinas, o desenho esteve presente. Ao disponibilizar lápis coloridos e papéis, suas casas foram sendo desenhadas com molduras, janelas, gravuras e vida. Duas se recusaram e outras prontamente sentiram desejo em delinear a fala. As casas nas gravuras, emolduradas por cores diferentes, hora rosa, depois lilás e azul, não davam a dimensão que a palavra tem, mas como Bachelard (2008) diz “a representação de uma casa não permite que um sonhador fique indiferente por muito tempo”. Esse delineador do sonho, do

telhado, das janelas, da porta, paredes e chão nos permite habitar a casa delas através da imagem.

Essa arquitetura imaginária foi a porta de entrada para a expressão.

“Minha Casa Está Logo Ali, Você Está Vendo”

Talvez seja bom guardarmos alguns sonhos, para uma casa que habitaremos mais tarde, sempre mais tarde, tão tarde que não teremos tempo para construí-la. Uma casa que fosse final, simétrica à casa natal, prepararia pensamentos e não mais sonhos, pensamentos graves, pensamentos tristes. Mais vale viver no provisório do que no definitivo. (BACHELARD, 2008, p.75).

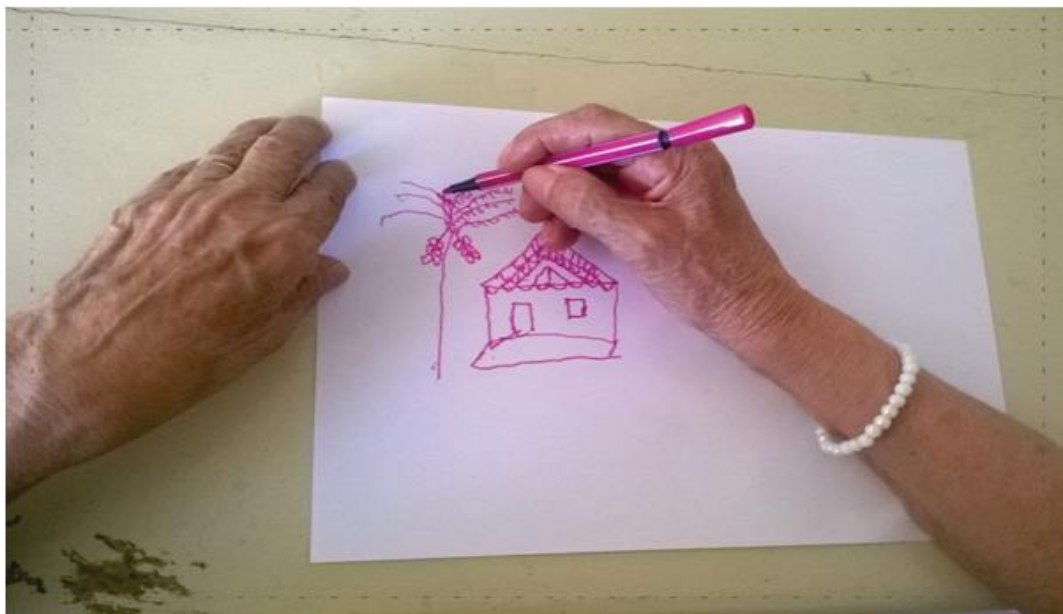
“É preciso estudar constantemente como, por meio da casa, a terna matéria da intimidade recupera sua forma, a forma que tinha quando encerrava um calor primordial” (BACHELARD, 2008, p.64). Esse calor primordial que também se relaciona com o tempo em que se serve, se é útil, se funciona no lugar e pertence tranquilamente sem que se questione. A casa expulsa o filho, a mãe, quando existe um desconforto em suas vigas, quando algo aperta profundamente, a alma, o senso, a vida.

Sobre a representação desse lugar em que habitava o “calor primordial”, Bachelard (1998) escreve que a imagem material é profunda e busca a intimidade substancial que dá vida e movimento à realidade metafórica. Entendendo a fenomenologia como a “sistemática de investigação da gênese da imagem poética do imaginário literário”, a materialização do imaginário, o pensar, sonhar ou viver a matéria passa a ser um desafio, principalmente na leitura das imagens, a partir dos estímulos.

A casa de Júlia é a casa sonhada, viva, cheia de cores e memórias. Ela aponta para longe com o dedo em riste e pergunta “Minha casa está logo ali, você está vendo”. Sim. E ela continua:

*Branca, cerâmica
Dois quartos
Uma cozinha
Uma ponte
Perto do Mercado da Seis
Onde aqueles senhores
Vendem lá
Perto da Igreja
Dormia no segundo quarto
Tem goiabeira
Pé de maracujá
E seu José comprava todo dia
Sem flor
Por isso sem perfume*

*Pé de flor grande
Só fazia ler
Dava aula
Curso primário
Na minha casa
Sou forte
Na minha casa
Sou norte³*



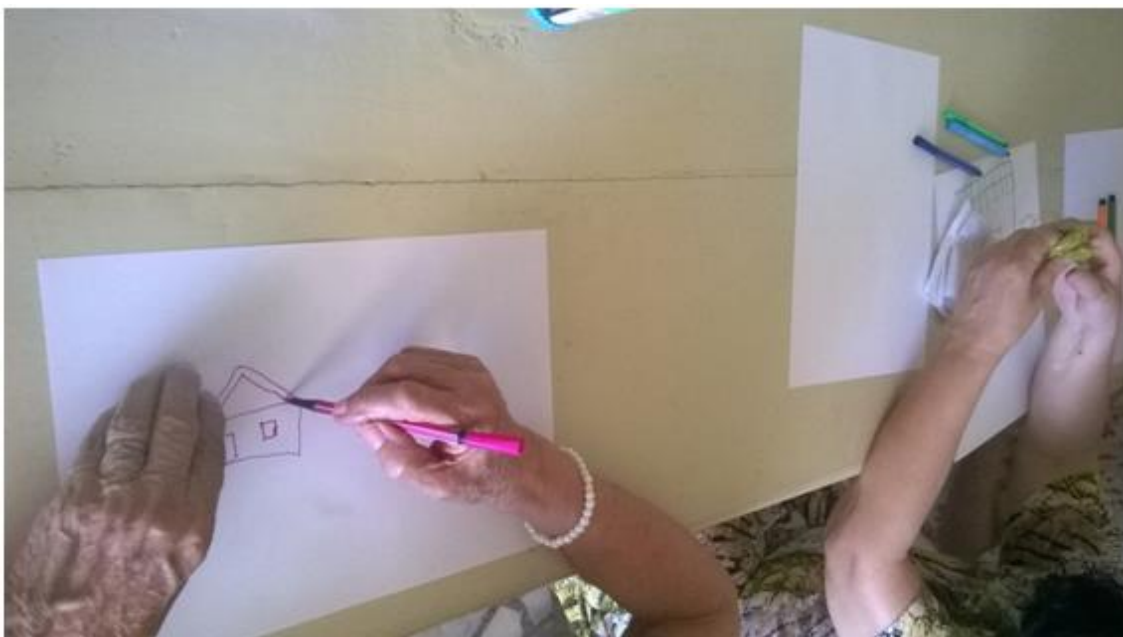
A casa existe. Júlia adentra os quartos, o jardim, sente o cheiro das flores, toca nas plantas, sente em suas mãos os móveis, as paredes, o chão batido, ainda friozinho. E o maior desejo hoje, cozinha. Ela faz um café dentro de sua casa, apronta os biscoitos de manteiga e saboreia um por um. Um dos afazeres que ela mais gostava era de cozinhar e lavar os panos de pratos, sentindo o cheiro de tecido lavado, seco ao sol a pino. A casa, aparentemente pequena, segundo ela, era o reduto de encontros, de cuidados e do abrigo de amor. O desenho é a representação desse lugar, do encontro. *Gosto de desenhar minha casa e ter a impressão que posso entrar nela de novo, a qualquer hora, a qualquer tempo⁴.*

Bachelard (2008) aponta que quanto mais simples é a casa gravada, mais ela trabalha a minha imaginação de habitante. O abrigo é fortificante. Ao escrever sua casa, desenhá-la, a casa se torna concreta, presente e viva em seus olhos. Torna-se presente o cheiro de antes, agora. Ela ouve o barulho das folhas, sente o vento, revive o lugar do encontro debaixo da árvore com banquinhos, lugar que ministrava aula para os filhos de todo o bairro. Alfabetizou diversas crianças e sente falta de ser útil.

³ Todos os poemas construídos a partir das falas são de autoria da pesquisadora.

⁴ Citação retirada da fala de Júlia durante a oficina.

*Minha casa poderia ser apenas esse quintal
Eu sei que ali era o mundo
Eu sei que ali o vento me beijava
Todos os dias
E eu não me sentia abandonada
Nenhum segundo⁵*



Bachelard (2008) acredita que a casa “Tem todo o céu como terraço”. O quintal de Júlia é seu céu, seu espaço de sonho e esperança. Ela se sente útil, viva e com coragem para enfrentar qualquer abandono. “Um sonhador de casas vê casas em toda parte. Tudo serve de motivação para os sonhos de abrigo”. E nesse instante da leitura, é como se Bachelard pudesse entrar no Lar da Vovozinha e ler toda a poesia existente em cada casa, de Júlia e de suas companheiras. Suas leituras se conectam de uma maneira intensa. *Dessas janelas. Fatigadas de azul. Deixo meus olhos voarem para bem longe, como era antes, como é agora. Enquanto sonho, lembro⁶.*

As janelas ligam o mundo externo e o interno. Da janela podemos ver o sol nascer, morrer, a vida passar e iluminar por dentro. As janelas do Lar de Longa Permanência têm a vigilância social ao redor. Júlia não pode atravessar a janela, a porta. Não pode sequer cozinhar, fazer seu próprio café ou sentir a liberdade das ruas. Ela e suas companheiras estão resguardadas, foram deixadas sob a guarda de uma instituição e que retornar para a casa é um passo imaginário. A Biopolítica abraça suas vidas. Seus horários são regradados e deixar a imaginação

⁵ Citação retirada da fala de Júlia durante a oficina.

⁶ Retirada da fala de Júlia durante a oficina.

fluir é um caminho fundamental para alimentar a memória, o espaço com afeto e cuidado.

Nos primeiros dias da oficina, a disputa competitiva entre elas permanecia. Elas se entreolhavam com desconfiança. Com o tempo, ao ouvir a história de vida de cada uma, suas memórias, cantigas, as brincadeiras, os desenhos, principalmente ter contato com a intimidade da outra, foi criada uma identificação. Tinham dias em que elas se abraçavam e permaneciam aquecidas. A mudança de perspectiva, o olhar um novo caminho (de dentro) transformou o corpo. Da rigidez da disputa ao colo. Da desconfiança ao cuidado, do rancor ao respeito. A escrita das casas de Júlia, Vitória, Cravina, Soe, Liliane e Maria são espaços de vida. Para além de qualquer abandono ou de estatísticas, a aventura interna permanece.

No entardecer da vida, com uma coragem invencível, dizemos ainda: o que ainda não fizemos será feito. Construiremos a casa. Essa casa sonhada pode ser um simples sonho de proprietário, um concentrado de tudo que é considerado cômodo, confortável, saudável, sólido ou mesmo desejável para os outros. (...) Talvez seja bom guardarmos alguns sonhos para uma casa que habitaremos mais tarde, sempre mais tarde, tão tarde que não teremos tempo para construí-la. (BACHELARD, 2008, p. 74).

Essa morada do abandono e do devaneio proporciona que a casa seja como disse Bachelard (2008), a segurança e a aventura. “Ela é cela e é mundo. Transcende a geometria”. É essa repulsa e essa atração, o lugar de desfazimentos e de reconstrução. Que ao mesmo tempo o devaneio ressoe no acalanto da proteção e do abrigo existe o lugar da repulsa e da expulsão da casa.

Conclusão

Escrever, construir ou desenhar casas vão para além de fugas. São desejos concretizados por dentro. Num Lar de Longa Permanência, voltar para casa não é uma opção. Na velhice, o imaginário é pouco estimulado. Quando somos crianças, todas as paredes das escolinhas dos jardins de infância são coloridas, nos dão lápis de cor, tintas de todas as cores, papéis, vida.

Aos poucos, essas cores desaparecem até que as paredes de todas as instituições são pintadas, a maioria das vezes, por cores neutras, principalmente o branco. A metáfora ilustra o processo das vidas, as etapas que passamos em descoloração até que a vida só cobra utilidade. Quando se volta a desenhar e sonhar a própria casa é também uma maneira de se colocar no mundo, se sentir respeitada, viva.

Júlia guarda sua casa desde criança dentro do quarto no Lar. Ela diz que tem dias que acorda e quando olha para a janela tem a memória de como gostava de observar o sol se pondo e nascendo, como acontece todos os dias. *Parece que posso trazer minha casa de volta:*

*Na janela
A casa de volta
Aqui dentro
A casa de volta
Que ainda resta.*

Ela ainda deseja voltar para casa, mas mesmo se não puder voltar, sonha em construir a casa do mesmo jeito que era quando criança. De colocar a janela no mesmo lugar da sala, na tentativa de passar no quarto dela e ver a mãe acenando com a cabeça. *Quando eu puder, terei minha casa, do jeito que era quando criança. Vou casar, construir todinha, assim como papai fez com mamãe. Construir os quartos, a sala, o banheiro, a sala, tudo colorido e com janelas. As janelas são as mais importantes para o dia entrar, para o dia acordar a gente*⁷.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: terceira infância*. São Paulo: Planeta do

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Data de recebimento: 10/08/2022; Data de aceite: 20/09/2022

Michelle Ferret Badiali - Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Jornalista, poeta e roteirista. E-mail: michellebadiali@gmail.com

⁷ Retirada da fala de Júlia.